

# Bibliografia comentada sobre espaços de formação de professores

Maria Helena da Silva Carneiro

225

BATISTA, Paula Fazendeiro; GRAÇA, Amâncio Braga. Construir a profissão na formação de professores de Educação Física: processos, desafios e dinâmicas entre a escola e a universidade. *Pro-posições*, Campinas, v. 32, e20180084, p. 1-27, 2021.

O artigo reflete acerca do modo como podem ser desenhados os programas de formação docente para os desafios que se apresentam para a Educação Física. Para embasar a reflexão, foram utilizados os dados da investigação de um grupo de docentes de Pedagogia do Desporto da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP) no âmbito do estágio profissional em Educação Física. Apesar das várias reformas de ensino implementadas na expectativa de aprimorar os currículos dos cursos de formação de professores, nos últimos anos, as universidades têm sofrido severas críticas, entre as quais destacam-se a falta de conhecimento dos conteúdos e a dicotomia entre teoria e prática. Essas críticas partem de grupos de orientação neoliberal favoráveis à “desprofissionalização” da função docente. Os pesquisadores abordam conceitos como competência, identidade profissional e estágio, salientando as conexões entre eles e a sua relevância no processo de formação de futuros profissionais. Ressaltam, ainda, a importância atribuída às escolas enquanto participantes desse processo e apontam que a universidade deve valorizar e criar as condições necessárias para que os docentes colaboradores possam exercer as suas funções e, assim, ajudar os estagiários a se tornarem membros de uma comunidade profissional.

CARDOSO, Luciana Cristina. *Aprendizagem e desenvolvimento profissional da docência em um espaço híbrido de formação: o terceiro espaço*. 2016. 259 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

A pesquisa tem como objeto de estudo um curso de Pedagogia oferecido na modalidade a distância, no qual a autora era uma das professoras formadoras. Ela investiga como o “espaço formativo híbrido comporta a articulação de conhecimentos teórico-práticos, em benefício da aprendizagem e do desenvolvimento profissional da docência”. Ao traçar o perfil das participantes, a pesquisadora evidencia que se trata de um grupo diferenciado, pois muitas alunas já têm curso de licenciatura, ou seja, já possuem experiência em docência. O percurso metodológico estabelecido foi a pesquisa-ação na perspectiva construtivo-colaborativa, sem deixar de destacar “elementos que caracterizam estudo de caso”, pois se trata da análise de um programa de formação docente específico. A autora conclui que as ações propostas no espaço híbrido demonstraram ser promissoras no que tange à articulação entre conhecimentos teóricos e práticos, o que corrobora o referencial adotado. Quanto às interações entre os participantes, ficou evidente que, apesar das diferenças de idades e experiências, elas se estabeleceram.

226

GIORDAN, Miriane Zanetti; HOBOLD, Márcia de Souza. A escola como espaço de formação de professores iniciantes. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 3, p. 7-25, set./dez. 2016.

As autoras discutem o papel da escola enquanto espaço importante de formação inicial para professores. Participaram da pesquisa 22 docentes da Rede Municipal de Ensino de uma cidade de Santa Catarina, que tinham de 1 a 3 anos de experiência e que atuam na primeira fase do ensino fundamental. As informações foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas. Os resultados evidenciam a importância do acolhimento do professor iniciante pelos profissionais que já atuam na escola, particularmente o supervisor escolar, uma vez que esse profissional é o mais próximo do cotidiano do professor. Outro aspecto destacado é o reconhecimento dos docentes entrevistados acerca da importância do trabalho coletivo. Conclui-se que a escola deve ser valorizada como lócus de formação e profissionalização docentes, embora se saiba que existem outros espaços que também contribuem para essa formação.

LÜDKE, Menga; SCOTT, David. O lugar do estágio na formação de professores em duas perspectivas: Brasil e Inglaterra. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 39, n. 142, p. 109-125, jan./mar. 2018.

O artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa sobre a formação de professores e tem como pano de fundo o estágio supervisionado e, mais

especificamente, a relação entre teoria e prática, problema esse que aflige os cursos de formação de professores nos dois países: Brasil e Inglaterra. O texto está organizado em três seções. Inicialmente, são apresentadas as constatações evidenciadas em pesquisas sobre o tema. Na segunda seção, apresentam-se os novos métodos de formação de professores na Inglaterra. Os autores assinalam que, atualmente, nesse país, as escolas são incentivadas a participarem de programas de formação inicial de professores e, ao assumirem essa responsabilidade, elas têm várias formas de se envolverem nesse processo. A última seção discute os contatos entre as duas realidades pesquisadas. Na Inglaterra, o futuro professor, após formação em bacharelado nas diferentes disciplinas, cursa mais um ano dedicado às disciplinas consideradas importantes para sua formação. Na verdade, esse período é dedicado a integrar os conhecimentos pedagógicos com os conhecimentos específicos adquiridos no bacharelado. No Brasil, procura-se integrar a formação específica e a formação pedagógica ao longo do curso, desde o início, porém as dificuldades relacionadas à articulação entre as instituições de ensino superior e as escolas afetam profundamente a qualidade da formação docente.

MOHR, Adriana; WIELEWICKI, Hamilton de Godoy (Org.). *Prática como componente curricular: que novidade é essa 15 anos depois?* Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

Constituído por um conjunto de 11 textos, organizados em três partes, o livro discute amplamente o novo espaço curricular – Prática como Componente Curricular (PCC), sob diferentes dimensões, considerando que a dicotomia teoria/prática continua sendo um problema que perpassa os currículos de cursos de formação docente. A primeira parte, “O que é a Prática como Componente Curricular?”, é formada por dois textos que apresentam as diferentes origens da PCC. A segunda, “Soluções e possibilidades curriculares para a Prática como Componente Curricular”, é constituída de quatro textos que analisam propostas de “materialização” da PCC. A última parte, “A Prática Pedagógica como Componente Curricular na visão de professores e de estudantes”, é composta por cinco capítulos que se centram no estudo das percepções dos atores envolvidos na formação inicial sobre a inserção dessa nova maneira de conceber o currículo das licenciaturas.

OLIVO, Marisa; SMITH, Reid Jewett. Science and service: teacher preparation at the American Museum of Natural History. *The New Educator*, New York, v. 17, n. 1, p. 58-75, Jan./Mar. 2021.

O artigo analisa a concepção e o desenvolvimento de um programa inovador de formação de professores de Ciências do estado de Nova York, em nível de especialização. O programa está incorporado ao ambiente institucional do Museu de História Natural de Nova York e envolve pesquisadores e profissionais do setor de educação. Vale ressaltar que o projeto tem como um dos seus princípios a ideia

de que aprender a ensinar Ciências ocorre tanto em ambientes formais, como escolas e universidades, quanto em espaços informais, como os museus, e, para que isso ocorra, faz-se necessário um sólido conhecimento da Ciência. O curso oferecido pelo museu tem duração de 15 meses e inclui duas residências de ensino em escolas diferentes, onde o residente passa quatro dias por semana trabalhando com professores mentores, supervisionado por especialistas do museu: uma residência é no próprio museu, em que o futuro professor é acompanhado por docentes do programa, que orientam a exploração das coleções e exposições; a outra residência é um estágio de pesquisa na área de Ciências, dirigido por um cientista responsável por envolvê-los em projetos originais de pesquisa. Para os autores, o sucesso do projeto analisado se deve ao fato de todos trabalharem em uma “comunidade de prática”, em que existe engajamento mútuo, empreendimento conjunto e repertório compartilhado.

PUGLIESE, Adriana. *Os museus de Ciências e os cursos de licenciatura em Ciências Biológicas: o papel desses espaços na formação inicial de professores*. 2015. 231f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Partindo de um conceito mais amplo de museu, o qual inclui também outras instituições, como centros de ciências e planetários, a pesquisa teve como objetivo identificar e caracterizar a inserção de atividades museais, particularmente as relacionadas aos museus de ciências, no discurso pedagógico dos cursos de formação inicial de professores de Biologia. A opção teórica adotada se centra na perspectiva sociológica da teoria de currículo, mais especificamente na concepção de Basil Bernstein. A análise dos currículos de três cursos de licenciatura em Ciências Biológicas de universidades públicas brasileiras evidenciou a presença de atividades de campo e visitas a museus como atividades pedagógicas de diferentes disciplinas, sejam elas de conteúdos específicos da Biologia ou de disciplinas de conteúdos didático-pedagógicos, o que amplia as possibilidades de reflexão para o futuro professor. A autora defende que, quando a temática da educação em museus é incorporada no discurso pedagógico de formação inicial, há uma legitimação dessa temática nas práticas pedagógicas dos professores de Biologia.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

O autor parte de uma experiência pedagógica vivenciada por Joseph Jacotot, em 1818, na Universidade de Louvain, onde era professor de literatura francesa, mas não falava holandês nem os alunos dominavam o francês. Diante de tal situação, Jacotot propõe aos alunos, com a ajuda de um intérprete, a leitura de uma versão bilíngue, holandês-francês, do livro *Telêmaco*, um clássico da literatura francesa.

Assim, para realizar essa tarefa, os alunos deveriam ler, observar, comparar, combinar e reter cada um dos trechos lidos. Algum tempo depois, para surpresa do mestre, os alunos evidenciaram avanços na aprendizagem da língua francesa. A situação pedagógica criada por Jacotot proporcionou a aprendizagem do francês sem que o mestre recorresse à explicação para ensinar as regras de funcionamento da língua francesa. Com essa experiência pedagógica, o “Método Universal” proposto pelo referido professor passou a ser reconhecido por toda Europa e mesmo na América. Rancière lembra que o ignorante sempre sabe alguma coisa e, nesse caso, pode relacionar o desconhecido ao que já se sabe. Essa forma de ver a relação pedagógica do professor com o aluno facilita a emancipação intelectual deste último.

VENTURIERI, Bianca. *A formação de professores dos anos iniciais do ensino fundamental em espaços não formais na Amazônia: investigando uma iniciativa no Centro de Ciências e Planetário do Pará*. 2019. 164 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2019.

A tese analisa as possibilidades e os limites de um curso de formação continuada de professores dos anos iniciais do ensino fundamental, o qual busca uma ressignificação da relação entre o ensino de Ciências em espaços não formais e a prática docente escolar. O curso foi ministrado para 21 professores no próprio Centro de Ciências e Planetário do Pará (CCPP) e contou com a participação de técnicos e monitores dessa instituição. O perfil dos professores, traçado a partir da aplicação de um questionário, evidencia que a maioria ainda não tinha curso universitário. Ao serem questionados sobre os motivos que os levaram a visitar o CCPP, os professores afirmaram que era uma oportunidade para os alunos aprofundarem os conhecimentos. Outro aspecto ressaltado é que a maioria desses profissionais não conhecia o CCPP e nunca participou de cursos de formação continuada. Após a ação formativa e entrevista, os participantes da pesquisa foram unânimes em afirmar que se sentiam mais seguros para ministrar aulas de Ciências e Astronomia. Destacaram ainda que o curso não se limitou à atualização científica e didática, mas contribuiu, também, para a ampliação de possibilidades de discussões sobre a realidade escolar, sobre a prática pedagógica e incentivou maior autonomia na escolha de atividades didáticas para promover a melhoria do ensino de Ciências.

---

Maria Helena da Silva Carneiro, doutora em Didática das Disciplinas: Biologia, pela Universidade Paris VII, é professora aposentada e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB), onde atuou como professora e orientadora de dissertações de mestrado e teses de doutorado.

airamcarneiro@gmail.com

Recebido em 5 de julho de 2022

Aprovado em 4 de outubro de 2022